

## Valores e usos do diminutivo *-inho* no Português Europeu e no Português do Brasil<sup>1</sup>

Graça Rio-Torto

gracart@gmail.com

*Universidade de Coimbra (Portugal),*

*Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas (DLLC),*

*Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada – Instituto de*

*Linguística Teórica e Computacional (CELGA-ILTEC)*

### ABSTRACT.

This study aims to revisit the essential dimensions of the suffix *-inho* in Portuguese, either in the European or in the Brazilian Portuguese, and analyzes some of the descriptions that have been made of them, in order to clarify (i) the systemic value of *-inho* in the word-formation network of the Portuguese language, and (ii) the values of use that it admits, due to several variables, such as: the nature of the base to which it connects, the intonation and the elocutive's intensity with which it is used, the illocutionary intentionality of the speaker, the evaluative value to be transmitted, the formal, informal, ironic and situational context and message in which it occurs.

It is important to differentiate the systemic values of the suffix from the values that the derivative in which it occurs conveys, due to the characteristics of the text and the linguistic situation in which it is used. In a text produced in ironic or sarcastic register, the whole message is permeated by these values, but it cannot be affirmed that the systemic value of the suffix is that of irony or sarcasm, classes that do not configure any derivational paradigm of Portuguese.

Thus, besides to provide a categorization of the semantic-pragmatic values associated with the use of this suffix and to reanalyze some myths that persist in some of its descriptions, the elaboration of this text has also a pedagogical intention: to provide PL2 learners with an overview of the values and uses of the diminutive suffix *-inho* in Portuguese, that allows them to effectively use the suffix in their interaction with native speakers of Portugal or of Brazil.

### KEYWORDS.

Diminutive suffix; derivation; European Portuguese and Portuguese of Brazil; expressive acts; subjectivity, appreciation and depreciation.

### RESUMO.

Neste estudo propomo-nos visitar algumas das dimensões essenciais do sufixo *-inho* em

---

<sup>1</sup> O presente trabalho é financiado por fundos nacionais portugueses, através da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia, como parte do projeto do Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada (UID FCT: 4887), da Universidade de Coimbra.

Português, seja no Português Europeu, seja no Português do Brasil, e analisar algumas das descrições que delas têm sido feitas, em vista a uma clarificação (i) do valor sistémico de *-inho* no conjunto de sufixos da língua portuguesa, e (ii) dos valores de uso que admite, em função de diversas variáveis, tais como: a natureza da base a que se conecta, a entoação e a intensidade elocutiva com que é usado, a intencionalidade ilocutória do falante, o valor avaliativo a ser transmitido, o registo formal, informal, irónico da mensagem e (d) o contexto situacional em que é usado.

Importa diferenciar os valores sistémicos do sufixo dos valores que o derivado em que ocorre veicula, por força das características do texto e da situação linguística em que *-inho* é usado. Num texto produzido em registo irónico ou sarcástico, toda a mensagem é permeada por estes valores, mas não se pode afirmar que o valor sistémico do sufixo seja o de ironia ou o de sarcasmo, classes que não configuram qualquer paradigma derivacional do português.

Assim, além de facultar uma categorização que se deseja clara dos valores semântico-pragmáticos associados ao uso deste sufixo, reanalisando alguns mitos que perduram em algumas das suas descrições, preside também à elaboração deste texto uma intenção pedagógica: a de facultar a aprendentes de PL2 uma panorâmica dos valores e usos do sufixo diminutivo *-inho*, em Português Europeu e do Brasil, que lhes permita usar eficazmente o sufixo, na sua interação com falantes nativos.

#### PALAVRAS-CHAVE.

Sufixo diminutivo; derivação; Português Europeu e Português do Brasil; atos expressivos; subjetividade, apreciação e depreciação.

## 1. Objetivos e enquadramento

Este estudo propõe-se visitar algumas das propriedades fundamentais do sufixo *-inho* em Português e analisar algumas das descrições que delas têm sido feitas, seja no Português Europeu, seja no Português do Brasil, em vista a uma clarificação do valor sistémico de *-inho* no conjunto de sufixos da língua portuguesa, e dos valores de uso que admite, em função de diversas variáveis. Este sufixo constitui um valioso património comum a ambas as variedades nacionais da língua portuguesa, pois é um dos operadores derivacionais que funciona de modo idêntico em ambos os lados do Atlântico, como *ex-libris* da expressão de subjetividade, de afetuosidade, de encarecimento, de avaliação (apreciação/depreciação). Um estudo quantitativo (Dębowski 2015) sobre o uso de sufixos diminutivos em traduções de um mesmo original realizadas no Brasil e em Portugal

revela que o sufixo diminutivo inequivocamente mais usado em ambos os universos é *-inho*.

O enquadramento teórico que preside a esta reflexão é heterogéneo, tendo um fundo lexicalista (Rodrigues 2015), que valoriza a pluridimensionalidade das unidades lexicais (Rio-Torto 1993), e que é compatibilizado com um 'Modelo Baseado no Uso' (Usage-based Model) como o da Morfologia Construcional (Booij 2010, 2018). Neste, como na Linguística Cognitiva, assume-se a não separação dicotómica entre léxico e gramática e entre gramática e pragmática. Assim, o significado tem natureza semântico-pragmática (ancorada em dimensões referenciais e conceptuais/cognitivas), sendo uma propriedade estreitamente relacionada com o uso de cada unidade, ou seja, é uma propriedade holística da construção-em-uso, envolvendo, portanto, o ato ilocutório, seus actantes, suas motivações, suas intenções, seu co(n)texto. As fronteiras entre semântica e pragmática são eminentemente osmóticas, pelo que o que cada construção 'significa' subsume-se muitas vezes naquilo que os 'os falantes significam com esta construção'. Ou seja, o significado da construção *X-inho* abrange as dimensões linguísticas do mesmo, sejam de carácter lexical ou pragmático.

O estudo começa com uma revisão sobre o estado da arte disponível a respeito do sufixo *-inho* em Portugal e no Brasil, a que se segue uma proposta descritiva holística das dimensões da avaliação codificada por *-inho* e dos valores semânticos e pragmáticos do uso do sufixo na língua portuguesa contemporânea, nas suas diferentes latitudes. A reflexão encerra com uma secção de síntese.

## 2. Estado da arte: alguns estudos sobre o sufixo *-inho* em Portugal e no Brasil

Na longa tradição de estudos sobre os diminutivos na língua portuguesa, sobressaem os trabalhos de Rodrigues Lapa e de Delmira Maçãs, que sublinham a utilização dos mesmos ao serviço da expressão da subjetividade, da expressão de sentimentos, de afeto, de aversão, de carinho ou de eufemismo.

As palavras de Rodrigues Lapa e de Delmira Maçãs são disso eloquentes.

«É nos sufixos que a descarga das paixões se dá com maior energia. Os sentimentos que vulgarmente agitam a nossa alma e que se resumem, afinal, no amor e na aversão que manifestamos de ordinário pelas coisas e pelas pessoas, reflectem-se perfeitamente em alguns dos sufixos»

Rodrigues Lapa (1984: 105)

«O uso tao frecuente em portugues do sufixo *-inho*, o mais fecundo de quantos a linguagem familiar e popular utiliza, tem sido considerado como manifestado de sentimentalismo do povo que gosta de exprimir os cambiantes afectivos que se desprendem da ideia de pequenez. Trataremos aquí apenas dos casos em que este sufixo se junta a adjectivos, quer com valor reforçativo, quer atenuativo, eufemístico, ou de carinho».

Maçãs (1954-1955: 219)

Em Portugal, duas dissertações marcam a reflexão sobre os diminutivos na língua Portuguesa. A de Skorge (1959), *Os sufixos diminutivos em português*, que é elaborada numa perspectiva eminentemente estilística, mas atenta à variação e à invariância de cada sufixo. A de Rio-Torto (1993), *Formação de palavras em português. Aspectos da construção de avaliativos* (<http://hdl.handle.net/10316/44237>), é uma dissertação gizada no âmbito de um paradigma mais lexicalista, que enquadra os mecanismos de derivação avaliativa no âmbito dos padrões de formação de palavras que formula para a língua portuguesa do século XX. Esta tese assenta (i) numa perspectiva multidimensional da construção de palavras, (ii) na consideração de escalas de prototipicidade na seleção de sufixos e na produção de sentidos e (iii) na estreita articulação entre sistémica e pragmática na interpretação dos produtos derivacionais. Neste estudo preconiza-se que os sufixos diminutivos/atenuativos, os aumentativos/intensificadores, os depreciativos fazem parte do vasto conjunto dos avaliativos, e se distribuem escalarmente ao serviço quer da avaliação mais objetiva e dimensionalista, quer sobretudo da avaliação subjetiva e da interação. Adotam-se aqui algumas das traves mestras que presidem à pesquisa levada a cabo nesta dissertação.

No Brasil, a tese de Santana (2017) descreve os sufixos diminutivos em português do século XIII ao XX, na sua génese, forma, funcionamento e significação. Nas palavras do autor, que constam do resumo da tese,

«Os dados analisados indicam que, embora sejam muitos, os sufixos diminutivos em português são muito pouco produtivos nessa língua, com exceção dos sufixos em *-t-* a partir do século XIX e, principalmente, do sufixo *-inho*, muito frequente e o mais produtivo em todas as sincronias descritas, podendo, assim, ser caracterizado como o sufixo diminutivo por excelência da língua portuguesa, com previsão de que ainda continuará sendo por muitos séculos»

Santana (2017: 8)

Um texto de referência sobre a estrutura universal da semântica do diminutivo é o de Jurafsky (1993), cujo esquema se reproduz de seguida.

FIGURA 1 – Jurafsky (1993: 425). Estrutura universal da semântica do Diminutivo.

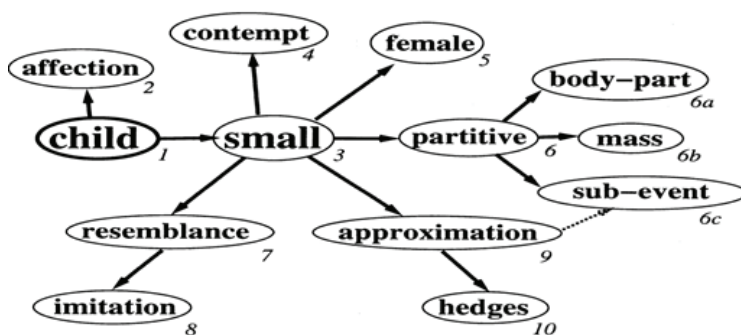
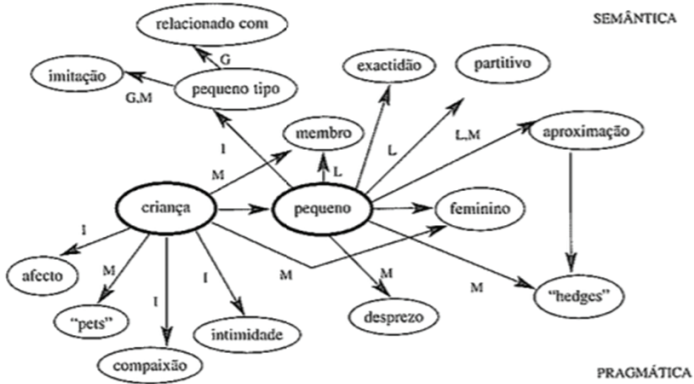


Figure 1: Proposed Universal Structure for the Semantics of the Diminutive

Neste modelo, de duas categorias centrais (*child* e *small*) derivam-se radialmente as demais, numeradas de modo crescente, por forma a melhor traduzir o caminho de irradiação que os valores semânticos do diminutivo percorrem.

Num estudo sobre a estrutura semântica do diminutivo em português, Silva (2006) adapta à língua portuguesa o modelo de Jurafsky (1993, 1996) sobre a estrutura universal da semântica do diminutivo. O esquema seguinte reproduz o pensamento do autor.

FIGURA 2 – Silva (2006: 486). Estrutura radial do diminutivo em Português.



Nas palavras do autor, «Fazem parte da semântica do diminutivo: ‘pequeno’, ‘afecto’ (e carinho para com animais de estimação [‘pets’]), ‘compaixão’, ‘intimidade’, ‘desprezo’, ‘aproximação’ (e «hedges» ou expressões delimitadoras), ‘exactidão’ (melhor, ‘intensificação’), e, periféricamente e em formações lexicalizadas, ‘partitivo/individualização’, ‘tipo pequeno de’ e ‘imitação’». (Silva 2006: 487).

Neste esquema, **M** (metáfora), **G** (generalização), **I** (Inferência) e **L** (lambda-especificação, ou re-especificação) representam os mecanismos de mudança semântica que permitem derivações de sentido a partir dos núcleos centrais /prototípicos de ‘criança-pequeno’.

A observação de esquemas deste tipo pode induzir um leitor em percepções não unívocas acerca do funcionamento do sufixo na língua portuguesa. Assim, do mesmo modo que a PEQUENO pode estar associado DESPREZO, também pode estar associado AFETO e COMPAIXÃO, que não estão apenas correlacionados com CRIANÇA, como o esquema deixa ver. Com efeito, AFETO, COMPAIXÃO, APREÇO, DESPREZO podem estar presentes num mesmo produto, quando usado em circunstâncias ilocutórias expressivas antagónicas, de APRECIACÃO e de DEPRECIACÃO, explicitadas, por exemplo, pela entoação apreciativa ou depreciativa usada. APRECIACÃO e DEPRECIACÃO são dimensões avaliativas que estão para além do próprio sufixo, que estão acima deste, e que moldam toda a construção ilocutória

montada, para satisfazer determinados objetivos linguístico-pragmáticos e interlocutórios.

### 3. Dimensões da avaliação codificada por *-inho*

Sendo um diminutivo, o sufixo *-inho* permite ao falante expressar, em primeira mão, a pequenez, a escassez, a escala diminuta (face a um marco de referência) de uma dada propriedade. O objeto, a entidade, o evento linguisticamente codificado com *-inho* apresenta dimensões mais pequenas, mais reduzidas, mais atenuadas, face aos protótipos consensualizados na comunidade. As propriedades envolvidas podem ser de vária ordem, sendo consubstanciais dos denotados que são objeto de avaliação. O sufixo *-inho* permite, assim, exprimir atenuação, mitigação, pequena distância afetiva (logo: proximidade afetiva, empatia) entre interlocutores, sendo de todos os avaliativos o mais usado não só em Portugal como no Brasil, em todas as faixas etárias, em todas as circunstâncias elocutivas, ainda que seja mais abundante em situações dialógicas do que em contextos de maior formalidade (Bacheschi 2006).

A questão que se coloca é que, em função de diversas variáveis, a palavra em que o sufixo ocorre pode assumir valor não apenas diminutivo ou atenuativo, mas também intensificador, e pode igualmente, sob certas condições prosódicas, veicular semantismos não apenas apreciativos, os mais comuns, mas também depreciativos ou pejorativos. Por força de estratégias pragmáticas, os derivados em *X-inho* podem servir para estabelecer ou acentuar proximidade afetiva e intersubjetiva, cortesia (*licencinha*), delicadeza (*obrigadinho*), podem codificar eufemismo (*palerminha*, *doença ruinzinha*) ou mitigação de situações penosas ou desagradáveis (*dorzinha*), e, em virtude de estratégias discursivas, como a que envolve ironia, pode ter efeitos irónicos, contradizendo o efetivamente dito. A construção *X-inho* pode, assim, servir para expressar afeto e carinho (*coleguinhas* de férias), como também desamor (*sujeitinho*) e animosidade (*espertalhãozinho*).

Num texto de opinião, publicado num jornal brasileiro, Squarisi (2018) sintetiza de forma lapidar os usos e valores mais representativos de *-inho* (itálicos nossos):

«É *paizinho* pra cá, *paizinho* pra lá. O diminutivo transpira emoção. Deixa a razão pra lá e fala de carinho, amor, ódio, ironia. Exprime a linguagem do coração. Chamar de *livrinho* um livro pequeno indica tamanho pequeno. Mas de *paizinho* o homem de 1,90m e 150kg denota afeto. Dizer que a garota é *bonitinha* não deve alegrá-la. Deu-se um jeito de dizer que ela não é bonita.

Classificar alguém de *professorzinho*, *doutorzinho* ou *empregadinho* desqualifica o professor, o doutor e o empregado. Ofende-os. Se a gente adjetivar o substantivo, então, aumenta o poder da agressão. Quer algo mais pejorativo que *advogadinho* de porta de cadeia? Ou *empregadinho* de boteco? Mata sem dó.»

Squarisi (2018)

Um dos erros mais comuns que se observam em estudos sobre a avaliação instanciada por *-inho* é o que decorre da confusão entre o semantismo do sufixo e o da base e/ou do produto.

Em *furtozinho* ou em *mentirinha*, por mais que *-inho* possa ter valor mitigador, não consegue apagar a marca de negatividade associada às bases de *furto* e de *mentira*, e que é herdada pelo semantismo dos derivados. Mas *professor* ou *empregado* são ambos igualmente depreciados através de *-inho*, independentemente do estatuto que as atividades denotadas possam convocar. Já em *bonitinha* ‘menos que bonita’, o sufixo acaba por mitigar e, deste modo, inverter o valor positivo associado a *bonita*. Outro erro consiste em atribuir ao sufixo os valores atitudinais (delicadeza, cortesia, ênfase, ironia, sarcasmo) de quem o convoca para, em harmonia com tais desideratos e tais valores, performatizar atos de fala marcados por entoação de delicadeza, de ênfase, de ironia, de sarcasmo, de apreciação, de depreciação, de afetuosidade.

Os dois seguintes excertos de Bacheschi (2006), o primeiro dos quais presente no resumo do estudo, induzem por certo os leitores numa profusa confusão de valores semânticos atribuídos ao sufixo, e muitos dos quais não representam valores sistémicos do sufixo, mas antes valores do produto herdados das bases:

«Ao lado do sentido de diminutivo, *-inho* foi adquirindo outros especialmente expressivos, entre os quais se identificam os de afetividade,



intensificação, atenuação, exatidão, ausência de dúvida, pejoração, semelhança, eufemismo, exigüidade e ironia.»

Bacheschi (2006: 5)

Igualmente equívocas são as considerações tecidas acerca dos valores semânticos de *-inho* junto de outras classes de palavras (negritos nossos):

«Inicialmente ocorrendo como forma presa a substantivos, o sufixo *-inho* passa a ligar-se a palavras de outras classes como os adjetivos; ora lhes conferindo valor **superlativo** como em “magrinho”, “miudinho”; ora com valor **pejorativo** como em “espertinho”; ora **eufemístico** como em “alegrinho” (no sentido de *embriagado*), ou **atenuando** o sentido de adjetivos que expressam características negativas como em “chatinho”, “ranhetinha”; ora exprimindo **sarcasmo** como em “nervosinho”, “estouradinho”; ora expressando **precisão, exatidão** como em “escritinho”, ora **ausência de dúvida** como em “mortinho”. Nos advérbios, o sufixo *-inho* ocorre fundamentalmente com **valor superlativo** como em “cedinho” e “pertinho” ou **enfático** como em “nunquinha”; mas pode manifestar **rigor, exatidão** como em “agorinha”, “assinzinho”. Entre os pronomes, há formas **enfáticas** como “tudinho” e “nadinha” e **afetuosas** como “euzinho”, “minzinho”, “vocezinho”; entre os numerais, acrescentando principalmente **idéia de exigüidade** como em “unzinho”, “doisinho” e, entre interjeições, exprimindo **delicadeza** como em “adeusinho” e “tchauzinho”.»

Bacheschi (2006: 58-59)

A propósito deste texto de Bacheschi (2006), importa explicitar que a ênfase pode incidir sobre todas as unidades sígnicas, pelo que não é exclusiva de *nadinha*, *nunquinha*, *tudinho*; de igual modo, o sarcasmo (ironia que deixa entender uma crítica dura e mordaz, por vezes insultuosa; escárnio) pode ter por escopo qualquer parte do enunciado, ou este no seu todo, pelo que não é distintivo de *nervosinho* ou *estouradinho*. Também a pejoração pode, nomeadamente através da entoação, afetar qualquer termo do texto, ou este na sua globalidade, não sendo por isso específico de *-inho* em *espertinho* ou *cineminha*.

Será muito pouco provável que a língua disponha de um sufixo para veicular um determinado valor semântico num só caso, como em *mortinho*.

Assim, não faz sentido atribuir o valor singular de ‘ausência de dúvida’ a *mortinho*.

Os valores de precisão, rigor, exatidão, em *escritinho*, *agorinha*, *assinzinho*, estão já contidos na semântica das próprias bases (*agora* denota um intervalo de tempo bem preciso, que coincide com o da enunciação) não sendo, portanto, veiculados pelo sufixo, que os intensifica ou especifica. O mesmo se aplica ao semantismo de exiguidade, presente já nas bases dos próprios numerais (*unzinho*, *doisinho*), cuja baixa cardinalidade denota exiguidade (conjuntos de 1 e 2), que o sufixo *-inho* enfatiza e intensifica.

Vamos doravante tentar clarificar os valores semânticos e semântico-pragmáticos assumidos por *-inho* nas diferentes construções acima representadas.

Começamos por passar em revista as situações mais centrais e prototípicas em que *-inho* funciona como diminutivo, atenuativo/mitigador e encarecedor/codificador de proximidade afetiva, para depois descrever as derivas que emergem das mais centrais, como intensificação, depreciação/pejoração, e as que os mecanismos prosódicos e discursivos impõem.

Em *cadeirinha* («na hora de ler, senta-se numa cadeirinha desmontável, rodeado dos seus animais de companhia») ou em *murinho*, a avaliação incide sobre as dimensões dos objetos (altura, largura, comprimento). O mesmo se aplica a *estradinha*, podendo estar em causa a largura, o comprimento, a classe (uma estrada secundária, rural, por exemplo), ou até a qualidade da mesma (uma estrada algo ruim, algo degradada) que, no caso, ficaria aquém do *standard* necessário para que a mesma fosse denominada de *estrada* (com qualidade aceitável). Em função das características ontológicas do denotado, o escopo de *-inho* pode atingir outras propriedades, para além das de dimensão, como a idade (*cachorrinho*, *raposinha*) ou o grau de maturidade (um *adolescentezinho*).

Em *corridinha*, pode estar em jogo a extensão temporal e/ou espacial, ou seja, tratar-se de uma corrida curta, em metros ou quilómetros, ou curta em minutos/horas. Nos nomes de eventos, a dimensão da temporalidade não pode deixar de estar presente: *soninho* denota um sono curto, breve no tempo, ou leve. Se este é encarado como agradável ou não, a entoação o revelará. Se houver reforço de intensidade (*soniiiiinho*), esta afeta o derivado no seu todo, denotando este um sono que pode ser de maior duração e

apreciado ou depreciado, conforme a marcação entoacional codificar.

Em o «doente já começou a dar uns passinhos», *passinhos* denota passos pequenos e/ou em pequena quantidade. A baixa intensidade também pode estar associada a eventos, como *chuvinha*, *febrezinha*, *constipaçãozinha*. Cada um destes eventos pode estar marcado para o falante como apreciado ou depreciado, consoante a *chuvinha*, a *febrezinha*, a *constipaçãozinha* foram poucas para não estragarem os programas agendados, ou consoante foram suficientemente intensos para alterarem os planos dos protagonistas. Neste caso, a mitigação de *-inho* dá lugar à intensificação, acompanhada de alguma forma de manifestação de desagrado. Quando o atual Presidente da República brasileiro faz alegadamente equivaler um eventual episódio de infeção por covid-19 a uma *gripezinha* ou a um *resfriadinho* ((1)), a mitigação da perigosidade da hipotética gripe ou do hipotético resfriado é acompanhada de depreciação, para assim melhor proceder à desvalorização de tais enfermidades.

- (1) «pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho».  
(<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/relembre-o-que-bolsonaro-ja-disse-sobre-a-pandemia-de-gripezinha-e-pais-de-maricas-a-frescura-e-mimimi.shtml>, 5 de março de 2021, acesso em 11 fevereiro 2022)

Sendo *X-inho* uma construção predominantemente usada na língua portuguesa, seja no Brasil ou em Portugal (Skorge 1959, Rio-Torto 1993), para a expressão do afeto e da interação com proximidade afetiva, observemos de seguida como se articulam apreciação e afetividade (e os seus contrários), em contextos prosódicos e retóricos mais neutros, e também nos mais marcados por atitudes subjetivas mais favoráveis e empáticas vs. mais desfavoráveis e não-empáticas.

Muitos são os exemplos que revelam o sentido apreciativo/afetivo ou depreciativo com que a construção *X-inho* pode ser usada.

- (2) «ele bebe a todas as refeições um *copinho* de vinho, e isso basta para regular a sua tensão/pressão arterial».

Em (2), *copinho* remete (metonimicamente) para uma pequena quantidade de vinho, que é avaliada como agradável e apreciada.

- (3) «o José bebeu só um *copinho* de vinho, mas o teste de alcoolémia acusou 0,9 g/l de álcool no sangue ...».

Já em (3) infere-se que o *copinho*, a ter sido um só, era de volume não diminuto, e o seu conteúdo de elevado teor alcoólico: *X-inho* pode até ser verbalizado com entoação apreciativa e/ou afetiva por parte do falante, sem qualquer laivo de ironia, mas o resultado final é de depreciação, pois o uso de *X-inho* destinava-se a mitigar uma realidade em si mesma negativa, face ao facto de o José ter conduzido/dirigido um veículo, após a ingestão excessiva de álcool.

Se o falante usar uma entoação de ironia ao dizer (3), então torna-se claro o seu distanciamento face ao que sabe ser uma mentira (só um *copinho*), uma tentativa de mitigação: no segmento textual explicita-se que a quantidade de bebida foi escassa, usando-se por isso um diminutivo (um *copinho* de vinho), mas as consequências implicam e tornam evidente que a realidade denotada com esse diminutivo não corresponde à realidade em termos de alcoolemia: daí que o falante, ciente da contradição, use ironia (uma entoação irónica) para alertar os interlocutores de que quer dizer o contrário do que efetivamente diz.

Em alternativa, o falante poderia optar em (3) por uma outra estratégia, recorrendo à proeminência prosódica, através da intensidade elocutiva posta na sílaba tónica (acento de insistência): um *copiiiiinho*, um copo bem 'robusto'.

Quando o denotado tem um semantismo denotacional unívoco, como *hora*, que equivale a 60 minutos, é de tempo subjetivo de um evento de que estamos a falar quando desejamos a uma grávida que tenha «uma horinha curta». Mais ainda: com a formulação deste desejo estamos a manifestar forte empatia e afetividade para com a futura parturiente, fazendo votos de que o parto seja o mais curto e menos doloroso possível.

O uso dos diminutivos, e muito em particular, de *-inho*, para a expressão da afetividade, da empatia, da cortesia, da interação colaborativa e amigável é uma realidade indesmentível da língua portuguesa, em qualquer das latitudes onde é falada, que o português partilha com várias outras línguas.

As palavras de Sifianou sobre as funções pragmáticas dos diminutivos em grego moderno, que servem a expressão da intersubjetividade, podem aplicar-se integralmente ao sufixo *-inho* em português, e por isso aqui se reproduzem:

«Although the prototypical function of diminutives is to indicate smallness, they are used extensively to indicate endearment and affection. [...] such linguistic elements serve as markers of friendly, informal politeness. [...] the use of diminutives mainly serves to establish or reaffirm a solidary framework for the interaction. »

Sifianou (1992: 155)

Para o estudo mais circunstanciado do uso de *-inho*, importa tecer algumas considerações sobre a influência do sentido da entoação e da intensidade elocutiva no valor da construção, e também sobre o papel da ironia no sentido desta.

O sentido afetivo-avaliativo — apreciativo ou depreciativo — da entoação orienta e comanda todo o sentido da mensagem explicitada, pelo que a expressão denotativa de diminuição pode passar a ter o valor contrário do que lhe é sistémico. Uma entoação depreciativa, negativa, disfórica, tem escopo sobre o conteúdo do enunciado, e assim tudo o que é *X-inho* passa a ser mentado e interpretado como o seu oposto.

- (4) Entoação depreciativa (☹, ☹☹): «Tem cá um jeitinho para o negócio!», ou seja, não tem jeito algum para o negócio.
- (5) Entoação apreciativa (😊, 😊😊): «Tem cá um jeitinho para o negócio!», ou seja, tem um jeitão, tem muito jeito para o negócio.

O quadro seguinte sumariza as três situações mais comuns de natureza prosódica sobre as quais nos vamos debruçar.

Quadro 1 – Tipos de entoação e valores semântico-pragmáticos da construção

Classes de entoação	Valor semântico-pragmático da construção
Entoação eufórica, favorável, apreciativa	Apreciação
Entoação disfórica, desfavorável, depreciativa	depreciação
Entoação irónica (pretender dizer o contrário do que se explicita)	apreciação, se <i>X-inho</i> for valorado negativamente/desfavoravelmente
	depreciação, se <i>X-inho</i> for valorado positivamente/favoravelmente

Como se observa no esquema anterior, há uma influência incontornável do sentido da entoação e da intensidade no valor — apreciativo, depreciativo, irónico — da construção em que ocorre *X-inho*: há uma relação direta entre entoação favorável, apreciativa, eufórica e apreciação, por um lado, e entre entoação desfavorável, depreciativa, disfórica e depreciação, por outro.

O uso de uma entoação neutra, não marcada, não serve a expressão mais unívoca da subjetividade. Quando uma mensagem pode ter leituras bivalentes («compraram um tapetão larguinho»), o falante sente-se na necessidade de complementar a mensagem com informações suplementares que clarifiquem o sentido da avaliação:

- (6) «compraram um tapetão larguinho, que cobre bem os muitos metros quadrados da sala», em que *larguinho* equivale a ‘largo o suficiente’
- (7) «compraram um tapetão larguinho, mas não suficiente para cobrir os muitos metros quadrados da sala», em que *larguinho* equivale a ‘bastante largo, mas não o suficiente’

A ironia, envolvendo etimologicamente ‘dissimulação’, é um processo discursivo-pragmático (uma figura de retórica) em que o falante explicita deliberadamente o contrário daquilo que pretende comunicar (Wilson 2006). Em (8), só por ironia se pode falar de alguém muito rico como um *pobrezinho*, ou seja, literalmente alguém muito pobre e, portanto, com

sérias dificuldades financeiras de sobrevivência, e que não será por certo objeto de compaixão:

- (8) «Pobrezinho, coitadinho! Tantas dificuldades financeiras com uma fortuna avaliada em milhões!»

As alterações de sentido desencadeadas pelas estratégias discursivas e semânticas mais usuais, como a ironia e a metaforização, podem conduzir à emergência de valores negativos e depreciativos que, em regra, já estão associados ao semantismo das bases (como se observa em *guerra*, *tacho* ‘colocação ou emprego que dá regalias e bom salário’, abaixo comentados), e que se intensificam por força da adjunção de *-inho*.

Num estudo sobre estratégias de intensificação em comentários em linha, Valentim e Gonçalves (2021) descrevem com clareza a intensificação depreciativa operada através de *-inho* em *guerrinha*, *bandeirinhas*, *tachinhos*, *coitadinha*:

Com um sentido claramente pejorativo, as ocorrências de formas diminutivas sublinham, por via de processos discursivos, como seja a ironia (12), e semânticos, como a metáfora, ou transferência nocional (nos casos 9, 11 e 12, consagrada pelo uso), a construção de um valor de alto grau das propriedades associada às noções lexicalizadas nos nomes *guerra* (9), *bandeira* (10), *tacho* (11) e no adjetivo *coitada* (12).

9. A «*guerrinha*» dos lugares no partido, para aferir quem fica com o *tacho* pago por todos nós!

10. Continuem a votar e a andar com as *bandeirinhas* nas mãos!!! Uma vergonha...

11. Tachos e *tachinhos*, mais nada.

12. *Coitadinha* dela! Temos pena. [...] Acabou o *tacho*, minha senhora, faça-se à vida!

Valentim & Gonçalves (2021: 111)

Ademais, a avaliação que preside às construções *X-inho*, tomadas aqui como as mais representativas da diminuição/atenuação em Português Europeu e do Brasil, rege-se também por metáforas conceptuais (Lakoff & Johnson 1980) de sinal contrário, que alteram o valor matricial da construção

e determinam o valor final e uso das mesmas. Vigoram as duas situações de sinal oposto: *pequeno é bom*, mas *menor* pode ser também encarado como *pior*. De igual modo, *maior é melhor*; *maior*, quando excessivo, é *pior*. Em várias áreas do saber e da ciência há sinais de sentido contrário no que toca à relação entre *mais/menos* e *melhor/pior*, e que se traduzem por *menos é mais*, *mais é menos*, *mais é melhor*, *maior não é melhor*, *mais é* (necessariamente) *melhor (que menos)*. Esta variação não anula os valores sistémicos dos sufixos, mas permite que as construções em que ocorrem veiculem valores semântico-pragmáticos por vezes diversos dos matriciais. A dimensão perspectivista e dinâmica da construção de sentidos avulta através da avaliação subjetiva e da atitude interlocutória codificadas por *X-inho*, fazendo deste sufixo um poderoso operador semântico-pragmático.

O *marketing* e a publicidade são áreas em que o uso de construções com sufixos avaliativos mais se faz sentir, para desencadear efeitos de patemização, uma vez que exteriorizam o posicionamento subjetivo e avaliativo do enunciador, podendo, assim, conduzir o interlocutor/consumidor a experienciar emoções que o façam simpatizar com o produto e a adquiri-lo. Um exemplo é o de um anúncio brasileiro da marca de produtos de higiene bucal *Sorriso*, no qual surge a construção (9),

(9) «Deixe de lado aquele sorrisinho amarelo».

O texto deste anúncio remete para a imagem de um sorriso forçado e sem vontade, o qual contrasta com a foto da modelo que ostenta um sorriso aberto e feliz, logo um sorriso. Na descrição de Silva e Silva;

«[...] o sufixo *-inho*, afixo gradativo mais comumente utilizado para expressar valor negativo, é usado tanto para reforçar a pejoratividade da expressão “sorriso amarelo”, quanto para se contrapor à imagem da modelo, que evoca o valor positivo de *-ão*.»

Silva & Silva (2021: 150)

Esta afirmação de que o sufixo *-inho* é o afixo mais comumente utilizado para expressar valor negativo pode gerar conclusões erróneas acerca do valor do diminutivo. Um aluno de Português Língua Não Materna (doravante



PLNM) pode permitir-se inferir que *-inho* está sistematicamente associado à depreciação, e não é o caso na língua portuguesa, na qual *-inho* é por excelência o sufixo de expressão do afeto, da apreciação. Se usado sem entoação negativa, disfórica, ou depreciativa, (10) «esboçou um sorrisinho» remete para um sorriso pouco expressivo, pouco visível, pouco intenso, mas não depreciado, podendo mesmo ser apreciado favoravelmente pelo falante.

(10) esboçou um sorrisinho

(11) sorriso amarelo, sorrisinho amarelo

Já o caso é diferente de «sorriso amarelo», construção que em si mesma remete para um sorriso forçado, esboçado a contra vontade, pelo que, sendo inverdadeiro, é objeto de avaliação disfórica, que é intensificada quando ele é acompanhado do diminutivo *-inho*.

Importa, pois, explicitar que *-inho* não é o sufixo gradativo mais comumente utilizado para expressar valor negativo, mas antes o sufixo diminutivo/atenuativo mais comumente utilizado para expressar valor apreciativo, de afetuosidade, de proximidade e de empatia interpessoal.

Um outro mito que importa desmontar é o de que o sufixo *-inho* tende a ser evitado na fala masculina. Segundo Silva e Silva (2021),

«Para Gonçalves (2002, 2016), *-inho* e *-ão* apresentam função indexical, no sentido de estarem associados, respectivamente, à fala feminina (e/ou gay) e masculina. Consequentemente, o uso do sufixo *-inho* tende a ser evitado na fala masculina».

Silva & Silva (2021: 154)

Ora, não é essa a conclusão a que chega Bacheschi (2006), quando constata, ao analisar os valores expressivos dos afixos na norma culta de São Paulo, que nesta o sufixo *-inho* encontra-se ligeiramente mais atestado na fala masculina que na feminina. O sufixo serve a manifestação de subjetividade, de expressividade, de interação mais conseguida e afetivamente mais empática, pelo que é usado por todos os seres humanos, independentemente das categorias biológicas de género.

#### 4. Para uma visão holística do funcionamento do sufixo *-inho*

A identidade do sufixo *-inho*, como a dos demais avaliativos, está fortemente relacionada com o seu funcionamento pragmático. Como tem sido amplamente sublinhado, este sufixo diminutivo é usado como um poderoso operador ilocutório da língua portuguesa, fazendo jus ao que se passa em muitas outras línguas (Jurafsky 1993, 1996). Assim, tanto quanto denotar reduzidas dimensões ou propriedades atenuadas, *-inho* é usado para servir a expressão da subjetividade (sentimentos, emoções, valores, atitudes, opiniões), sendo igualmente portador de uma forte carga ilocutória que visa, desde logo, despertar reações homólogas ou, pelo menos, de sintonia no interlocutor. Codificador subjetivo, atitudinal e ilocutório são, pois, traços distintivos de *-inho*, no seu uso comum da língua portuguesa contemporânea, nas suas diferentes latitudes.

Como assinala Rio-Torto (1997: 209), as dimensões afetivas e axiológicas convergem para o eficaz funcionamento de *-inho*:

«além de traduzirem/reflectirem a relação/atitude afectiva que o falante mantém com o avalia(n)do, as propriedades de natureza afectiva são usadas como potenciais desencadeadores duma reacção, preferencialmente não dissonante, por parte do alocutário.

Por sua vez, as propriedades axiológicas traduzem os juízos que o falante formula relativamente àquilo de que fala. Também aqui o falante se expõe, pois a formulação dum juízo de valor reporta-se a sistemas ou padrões individuais, particulares, coincidentes ou não com os demais padrões de avaliação. Mas também aqui a exposição que o falante faz de si mesmo não é aleatória, gratuita, ou sequer absolutamente transparente. Os traços axiológicos têm, aliás, um estatuto híbrido: ao mesmo tempo que informam acerca da disposição ou da atitude favorável/desfavorável do falante relativamente àquilo de que fala, dão também informações sobre a boa/má qualidade daquilo de que se fala e/ou sobre a boa/má representação que o falante tem dessa realidade.»

Rio-Torto (1997: 209)

De operador de diminuição ou de atenuação de propriedades mensuráveis a operador atitudinal e pragmático de intersubjetividade e/ou de interação

empática, *-inho* é, na língua portuguesa, o sufixo isocategorial desde sempre mais produtivo e disponível, atuando junto de bases nominais, adjetivais, verbais e adverbiais e, em bem menor escala, junto de bases pronominais e numerais.

A plasticidade do sufixo *-inho*, que faz dele o mais usado para a expressão avaliativa da afetuosidade em todos os universos de língua portuguesa, permite que ele seja recrutado com largo pendor criativo por escritores, associando-se a gerúndios, a formas verbais flexionadas, como os exemplos (12)-(16), quatro dos quais de escritores brasileiros, o atestam.

- (12) A vida vai morrendo, morrendinho (M. Rodrigues Lapa, *Estilística da Língua Portuguesa*)
- (13) Desceu os vales caminhandozinho (Plínio Caliman, *O rio da minha aldeia*)
- (14) O vento madrugouzinho (Plínio Caliman, *O rio da minha aldeia*)
- (15) Quero levar minha noiva/Quero estarzinho com ela (Raul Bopp, *Cobra Norato*)
- (16) Quero sentir a quentura/do seu corpo de vaivém/Querzinho de ficar junto (Raul Bopp, *Cobra Norato*)

Estas derrogações da norma só aos criadores literários são permitidas, pelo que representam franjas derivacionais aqui não exploradas.

No uso comum de *X-inho*, importa diferenciar os valores não retóricos dos retóricos, que envolvem ‘figuras de estilo’, e os de natureza prosódica, logo suprasegmentais e com escopo sobre todo o enunciado, nomeadamente quando marcados por uma orientação semântico-pragmática bem definida, seja favorável, seja desfavorável. O quadro seguinte sumariza as diferentes classes de situações, que se organizam de forma gradiente e escalar.

Não obstante tal gradiência, nele diferenciam-se duas situações, (i) uma que envolve mecanismos e valores de natureza mais discursivo-pragmática (cf. “Mecanismos discursivos e prosódicos”), como a ironia e a entoação atitudinalmente marcadas, que sinalizam os valores de avaliação apreciativa/favorável e depreciativa/desfavorável do falante, e (ii) os procedimentos de natureza predominantemente semânticos, como a diminuição/atenuação e a intensificação.

Neste quadro, a diminuição/atenuação e a intensificação denotam processos eminentemente não marcados pela valoração positiva ou negativa, pela apreciação ou pela depreciação, sendo, portanto, encarados como procedimentos mais neutros. No meio da escala vertical, situa-se a diminuição qualitativa, que envolve depreciação, pejoração. Na escala horizontal, à medida que nos aproximamos da sua ala direita, intensifica-se o valor pragmático do uso de *X-inho*, através de “mitigação/eufemização (de algo negativo, de um pedido, de uma ordem)” e de “diminuição de distância afetiva, aproximação afetiva, expressão de proximidade afetiva, de afeto, de encarecimento”.

Se bem que de forma estática, este quadro procura sintetizar as situações mais prototípicas de uso de *X-inho*, na sua dinâmica e na sua multifuncionalidade.

A dimensão pessoal e interpessoal, perspectivista e intersubjetiva, e assente na experiência (individual e coletiva) e no uso, por serem identitárias do *modus operandi* da construção *X-inho* na língua portuguesa, não podem estar ausentes da caracterização desta estrutura, tanto mais que, no quadro das línguas românicas (Rio-Torto 2022), a língua portuguesa se destaca por ser uma das que mais uso faz do operador diminutivo descendente de -INU como operador ilocutório de interação empática. Em castelhano, o sufixo com funções equivalentes é *-ito*, o qual também coocorre em Portugal (não no Brasil), concorrendo com *-inho*; nas demais línguas românicas, esse espaço não é preenchido com os diminutivos mais disponíveis, sejam os italianos *-ello*, *-etto* ou *-ino*, ou o francês *-et(te)*. Nestas línguas, outras estratégias são convocadas para os mesmos propósitos e efeitos discursivo-pragmáticos.

Quadro 2 – Valores e usos de *-inho* na língua portuguesa

		Semântica <		> Pragmática		
Semântica Λ	Diminuição	Atenuação	Mitigação, eufemização	Diminuição de distância afetiva, expressão de aproximação/proximidade afetiva, de afeto, de encarecimento		
	<i>coelhinho, mesinha, tesourinha, sonzinho</i> ‘som ténue’	<i>grandinho, larguinho</i>	um <i>tumorzinho</i> , um <i>friozinho</i> , um <i>tolinho</i> , <i>feinho</i> , uma <i>ajudinha</i> , uma <i>mãozinha</i> , um <i>segundinho</i> , um <i>favorzinho</i> , <i>caladinho</i> , <i>quietinho</i> , <i>rapidinho</i> , <i>devagarinho!</i>	<i>avozinho, meu netinho</i> (já quarentão), <i>paizinho, Julinha/o</i> , menina <i>Glorinha</i> (aplicado a senhora de 90 anos)  <i>um soninho, amorzinho, queridinho, adeusinho, batatinha, bolinho, cafezinho, cervejinha, chazinho, torradinha, vinhinho</i>		
	Intensificação (diminuição de x já diminuto)	Adjetivo: <i>sozinho, igualzinho, inteirinho, magriiinho, miudiiiinho, mortinho por</i> Advérbio: <i>agorinha</i> (PB), <i>assinzinho</i> (PB), <i>cedinho, certinho, pertinho</i> ; Pronome: <i>nadinha, tudinho; euzinho</i> (PB), <i>minzinho</i> (PB), <i>vocêzinho</i> (PB) Numeral: <i>unzinho</i> (PB), <i>doisinho</i> (PB)				
	Diminuição qualitativa: depreciação, pejoração	Diminuição qualitativa: depreciação, pejoração de algo valorizado (socialmente, culturalmente) na comunidade: <i>caridadezinha, ministrozinho, universidadezinha</i>				
	Pragmática ∇	Mecanismos discursivos e prosódicos	Ironia	Uma <i>esmolinha</i> de milhões	Entoação	Favorável 😊 ☺
Um <i>trabalhinho</i> árduo, de meia hora por dia, sem mais nada para fazer!				Desfavorável 😞 ☹		. Que <i>jantarinho!</i> ‘depreciado, de má qualidade’ [a entoação sinaliza que o locutor deprecia/considera mau o jantar]

## REFERÊNCIAS

- Bacheschi, C. A. (2006). *Os valores expressivos dos afixos na norma culta de São Paulo* [Dissertação de Mestrado]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUP-SP).
- Booij, G. (2010). *Construction morphology*. Oxford University Press.
- Booij, G. (2018). *The Construction of Words: Advances in Construction Morphology*. Springer.
- Dębowiak, P. (2015). Os diminutivos no português europeu e no português do Brasil. Um estudo quantitativo. In R. Samartim, R. B. Vázquez, E. J. T. Feijó, & M. Brito-Semedo (Eds.), *Estudos da AIL em Ciências da Linguagem: Língua, Linguística, Didática* (pp. 175-184). Associação Internacional de Lusitanistas.
- Jurafsky, D. (1993). Universals in the semantics of the diminutive. In J. S. Guenter; B.A: Kaiser, & C. C. Zoll (Eds.), *Proceedings of the nineteenth annual meeting of the Berkeley Linguistics Society: general session and parasession on semantic typology and semantic universals* (pp. 423-436). Berkeley Linguistics Society.
- Jurafsky, D. (1996). Universal tendencies in the semantics of the diminutive. *Language*, 72(3), 533-578.
- Lakoff, G., & Johnson, M. (1980). *Metaphors We Live By*. University of Chicago Press.
- Maçãs, D. (1954-1955). O sufixo *-inho* junto a adjetivos na linguagem familiar. *Boletín de Filología*, (8), 219-232.
- Rio-Torto, G. (1993). *Formação de palavras em português. Aspectos da construção de avaliativos* [Dissertação de Doutoramento]. Universidade de Coimbra. <http://hdl.handle.net/10316/44237>
- Rio-Torto, G. (1997). Sistémica e pragmática dos sufixos avaliativos. *Revista Portuguesa de Filologia*, 21, 203-228.
- Rio-Torto, G. (2022, no prelo), Peculiarities of Portuguese Word-Formation. In M. Loporcaro, & F. Gardani (Eds.), *Oxford Research Encyclopedia of Linguistics*. Oxford University Press. <https://oxfordre.com/linguistics/page/romance-linguistics/>
- Rodrigues Lapa, M. (1984). *Estilística da língua portuguesa* (11ª ed., revista pelo autor). Coimbra Editora.
- Rodrigues, A. S. (2015). *A Gramática do Léxico Morfologia Derivacional e o Léxico Mental*. Lincom Europa.
- Santana, M. S. (2017). *O sufixo diminutivo em português: forma, funcionamento e significação - do século XIII ao XX* [Tese de Doutoramento]. Universidade de São Paulo.

- Sifianou, M. (1992). The use of diminutives in expressing politeness: Modern Greek versus English. *Journal of Pragmatics*, 17(2), 155-173.
- Silva, A. S. (2006). A estrutura semântica do diminutivo em português. In C. Maia, A. C. M. Lopes, & G. Rio-Torto (Org.), *Miscelânea de estudos in memoriam José G. Herculano de Carvalho* (pp. 485-509). Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Língua e Literatura Portuguesa.
- Silva, J. T., & Silva, W. P. (2021). Patemização em anúncios publicitários: uma análise morfopragmática das construções X-inho e X-ão. *A cor das letras (Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS Feira de Santana)*, 22(1), 137-164.
- Skorge, S. (1959). *Os sufixos diminutivos em português*. Centro de Estudos Filológicos.
- Squarisi, D. (2018, agosto 12). *Diminutivo: conotação e plural*. Correio Braziliense. <https://blogs.correio braziliense.com.br/dad/diminutivo-conotacao-e-plural/>
- Valentim, H. T., & Gonçalves, M. (2021). A intensificação em Português Europeu – algumas configurações linguísticas em comentários em linha. *Estudios Románicos*, 30, 103-120.
- Wilson, D. (2006). The pragmatics of verbal irony: Echo or pretence? *Lingua*, 116(10), 1722-1743.